Câmara Municipal de Bertioga

Estado de São Paulo

Estância Balneária

Protocolo: 900/14
Data: 14/05/14 Hora: 08:03
Ofício: _____
Aprovado na 14ª SO, realizada
em 23.05.14 _____ adendo
LUÍS HENRIQUE CAPELLINI
Presidente da Câmara Presidente

Moção de Reflexão 22 / 2014

Assunto: Moção de Reflexão aos 126 anos de Abolição da Escravatura no Brasil.

Bertioga, 13 de maio de 2014.

Excelentíssimo Sr. Presidente,

Nobres Vereadores:

Valéria Bento, no uso de suas atribuições regimentais, vem perante Vossa Excelência, ouvido o Douto Plenário, fazer a seguinte Moção:

Por mais longínqua que pareça ser a data, não é suficiente para perder de vista e cobrir o país de vergonha para a realidade existente há 126 anos atrás, quando o Brasil continha em seu ordenamento a cultura escravagista que permitia a utilização de mão-de-obra afrodescendente forçadamente empregada na produção.

Na verdade, e a bem dela, nada temos a comemorar.

Não porque fomos o último país do mundo a reconhecer os negros como seres humanos, detentores dos mesmos direitos que os de pele clara, como já antes havíamos reconhecido, depois de uma infalível bula papal, que o índio possuía alma. Por isso também deveria o Brasil cobrir-se de vergonha.

Não porque em vez de se indenizar os negros, sequestrados na África e submetidos aqui ao trabalho forçado, exigiu-se antes a indenização dos senhores de escravos, como condição para o abominável resgate dos homens e mulheres pretos.

O discurso da Monarca em 3 de maio de 1888, dias antes da conhecida Lei Áurea, a dita e celebrada redentora elogiou "a abnegação dos proprietários" por abrir mão de suas "peças", sem que recebessem o resgate pelo sequestro de toda uma raça. Por isso também deveria o Brasil cobrir-se de vergonha.

Nada temos a comemorar, acima de tudo, porque há 126 anos não cessamos de perseguir, humilhar, torturar e assassinar os negros, em uma contínua, implacável e impiedosa campanha contra os descendentes de africanos que sequestramos e escravizamos.

Escaparam da senzala, mas não escaparam do ódio e da marginalização. Para desgosto dos senhores, foram soltos, mas não se libertaram de nosso preconceito; não escaparam de nossos olhos, da precisa seleção epidérmica, e étnica e social.

Foram três séculos de escravidão negra no Brasil. Tão amaldiçoados que nem os próximos 300 anos serão suficientes para purificar o país da crueldade contra um povo condenado aos degraus inferiores do status social por causa da cor da pele.

Talvez soubéssemos mais ainda sobre essa vergonha se os arquivos da escravatura no país não tivessem sido destruídos. É como age a nossa elite branca e racista, é como a casa grande escreve a história.

Foi assim também que ela agiu depois da ditadura de 1964-1985, queimando arquivos, escondendo corpos, tentando apagar mais um capítulo de seu infamante desmando.

A queima dos arquivos da escravatura impede-nos de saber com exatidão quantos negros foram sequestrados na África; quantos morreram no transporte; quantos morreram nos primeiros tempos do cativeiro, pela violência do tratamento, pela inadequação ao trabalho forçado ou das lembranças da liberdade, das tristezas da sujeição. E quantos foram assassinados pelos senhores, pelos sinhozinhos e sinhazinhas? E quantas Baronesas de Grajaú cegaram e assassinaram seus negros?

Não sabemos muito, queimaram os arquivos, como a ditadura o fez, porque a desmemória é também um instrumento de dominação.

As sementes da dor espalham-se e germinam por todo canto da terra brasileira. A história de nossa infâmia prolonga-se, estende-se, ultrapassa os trezentos anos do cativeiro dos negros.

As sementes da dor marcam o passado e marcam o presente.

A libertação não significou qualquer mudança de comportamento da sociedade em relação a eles.

Encerradas as solenidades do dia 13 de maio, os negros libertos se atiraram ao mercado de trabalho, ao maravilhoso mundo das livres relações da oferta e da procura de mão-de-obra.

Ora, não queriam ser livres? Pois eram livres, que fossem atrás da sobrevivência, afinal, a vida seguia.

Nas últimas décadas do século 19 e primeiras do século 20, explodem por todo o Brasil as consequências da omissão, da indiferença do governo e da sociedade quanto ao destino dos pretos.

As sementes da dor e do abandono germinaram revoltas. E são negras ou quase negras ou quase pretas, as milhares de crianças que todos os anos são abatidas a tiros, fome e frio nas ruas de nossas cidades.

Numa tentativa de modificar o caldo cultural segregacionista do país, surgem as políticas afirmativas como medida importante, mas paliativa, se não cuidarmos igualmente das políticas de base.

A educação para nossas crianças, filhos de pobres, negros, mestiços e brancos não é prioridade na agenda dos governantes. Não se dignam a realizar o investimento mínimo.

O que esperar deste cenário? Eternas medidas de inclusão aparente, aumentando, ainda mais, o preconceito e a desigualdade social.

Que este dia de hoje, no qual celebramos 126 anos da Abolição da Escravidão oficial no Brasil, sirva como reflexão para esta Casa de Leis e para nossos Governantes do Executivo.

Lei sem cumprimento é como fogo que não queima.

Já passamos da hora. Se os danos na alma são irreparáveis, que se resgate a igualdade social com efetivas políticas de base.

E que daqui a 126 anos tenhamos realmente o que celebrar.

Desta forma, esta a Moção que vai devidamente subscrita e submetida ao Colendo Plenário, remetendo cópia da presente ao Conselho Municipal de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Município de Bertioga.

JOSÉ FELICIANO IRMÃO
2º Secretário

Valéria Bento
Vereadora

ELISABETH DOTTI CONSOLO
Vereadora

ALFONSO DARI WEILAND
Vereador

LUIZ CARLOS PACÍFICO JR.
Vereador

EDVALDO ALECRIM SILVA
1º Secretário

Marcia Regina Braz Lia
Vereadora

LUÍS HENRIQUE CAPELLINI
Presidente da Câmara

ANTÔNIO RODRIGUES FILHO
Vereador